

cia consome-se por uma coisa tão delicada como um fio de cabelo, costura teus lábios e nada perguntes sobre o empíreo e o Trono divino. Em realidade, ninguém conhece a essência de um átomo; pergunta a quem quiser ou fala sobre este tema, pouco importa! Que é o céu senão uma coisa parecida a uma cúpula em desordem, sem estabilidade, móvel e imóvel ao mesmo tempo?! Te perdes completamente no caminho deste mistério — é véu sobre véu. O que é, ante tal coisa, o céu, cuja cabeça gira e o pé se perde? Pode ele saber o que há atrás da cortina?, ele, que durante tantos anos, sem cabeça nem corpo, gira impotente ao redor dessa porta? Se ele ignora o mistério escondido sob o véu, como estaria manifesto a um ser como tu? O mundo, admirado e desesperado, só pode subsumir-se em profunda estupefação. Neste assunto, que é como uma superfície sem princípio nem fim, somos como a figura pintada na parede e só conseguimos morder o dorso de nossa mão. Os que entraram antes de nós no caminho espiritual estudaram, oportuna e inoportunamente, este mistério. Atormentaram-se muito e, em definitivo, só obtiveram a debilidade e a estupefação.

Considera em primeiro lugar o que aconteceu a Adão; quantos anos passou em lamentação, ocupado desse pensamento. Contempla o dilúvio de Noé, e tudo o que o patriarca sofreu em mil anos nas mãos dos ímpios. Recorda Abraão, que estava cheio de amor por Deus; ele sofreu torturas e foi atirado ao fogo. Vê o desafortunado Ismael,²¹ sacrificado no caminho do amor divino. Volta-te para Jacó, que ficou cego de chorar por seu filho. Olha José, tão admirado em seu poderio como na escravidão, no poço e na prisão. Lembra-te do infeliz Jó estirado na terra, presa de vermes e de lobos. Pondera sobre Jonas, que, perdido em seu caminho, foi desde a lua (*mah*), para onde as ondas o levaram, até o ventre de um peixe (*mahi*), onde permaneceu algum tempo.²² Segue Moisés desde o seu nascimento: uma cesta serviu-lhe de berço, e o faraó exaltou-o. Pensa em David, que se ocupava fazendo armaduras e torna-va o ferro brando como a cera com os suspiros ardentes de seu cora-

21. Alusão ao sacrifício de Abraão, cujo objeto era, segundo o Corão, Ismael, e não Isaac.

22. “Do peixe à lua” é uma imagem freqüente na literatura persa não só pelo ‘jogo de palavras’ (*mah - mahi*), mas principalmente por seu simbolismo: das profundezas do mar às alturas celestes, isto é, a totalidade do cosmos. Sempre empregada em sentido ascendente, esta trajetória é aqui invertida e confunde-se com a passagem bíblica de Jonas no ventre de um peixe. Ao mesmo tempo, o peixe é um símbolo identificado ao cristianismo, enquanto a lua (o crescente) o é da mesma forma ao Islam. Em outra passagem Attar também irá utilizar o peixe como alegoria do amor divino na figura do Cristo: “(...) peixe cuja respiração envolve todo o mundo e atrai para si todas as criaturas sem exceção”.

ção.²³ Olha o rei Salomão, de cujo império apoderou-se um *djinn*.²⁴ Observa Zacarias, tão ardente em seu amor a Deus que não deixou ouvir nenhuma queixa e permaneceu silencioso quando o mataram. E João Batista, vilipendiado ante o povo, e cuja cabeça cortada como uma vela foi posta numa bandeja. Maravilha-te com o Cristo ao pé da cruz, quando salvou-se das mãos dos judeus.²⁵ Admira finalmente tudo o que sofreu Mohâmmed,²⁶ o Chefe dos Profetas, por causa das injúrias e tormentos dos iníquos.

23. Refere-se ao trecho do Corão que diz: “E para David conferimos os Nossos favores. Dissemos: ‘Montanhas, e vós pássaros, ecoai seus cantos de louvor. Fizemos com que o duro ferro se tornasse brando para ele, dizendo: ‘Faz cotas de malha e mede seus elos com cuidado. Faz o que é certo: estou observando todas as tuas ações’” (sura XXXIV, 10-11).

24. *Djinn*: “gênio”; do árabe *jinn*, designação dada pelos árabes a entidades, benfazejas ou maléficas, intermediárias aos anjos e aos homens. Conforme a lenda rabínico-muçulmana, um gênio roubou o selo de Salomão e assumiu sua forma. Depois sentou em seu trono durante quarenta dias, os quais Salomão passou vagando e mendigando seu pão; porém o gênio perdeu esse anel, que foi reencontrado no ventre de um peixe e devolvido a Salomão. V. Mewlana Jalaludin Rumi, *Masnavi*, t. II, pág. 13, ed. Dervish International, Argentina, 1983.

25. *Corão*, IV, 157-158. O docetismo (corrente herética do cristianismo) afirmava que Cristo, durante sua vida na terra, não teve um corpo real, mas somente aparente, e que seus sofrimentos (entre eles a crucifixão) não tiveram existência real, mas tão-somente aparente. O Corão não fala sobre “corpo aparente”; para o Islam tradicional os judeus tentaram matar o Cristo mas não o conseguiram.

Frithjof Schuon, em seu *O Esoterismo como princípio e como caminho* (ed. Pensamento, São Paulo, 1985, cap. IV, pág. 226) comenta: “É o que exprime a aparente negação, no Corão, da crucifixão de Cristo. Aparente, porque o Corão afirma que ‘eles não o mataram realmente (*yaqinen*)’; Se Cristo é o Intelecto (Espírito), vê-se que a *queda*, segundo a perspectiva cristã, o ‘crucificou’ e ‘matou’ pelas paixões e pelos pecados, mas que ao mesmo tempo — é a perspectiva islâmica — o Intelecto (ou Espírito) foi ‘elevado em direção a Deus’. Isto significa que ele permaneceu intacto nele mesmo e que Deus o iluminou com a eterna Verdade, a da Unidade salvadora”. Também em um dos mais conhecidos Enghelos Apócrifos, *Atos de João (O Novo Testamento Apócrifo*, trad. Montague Rhodes James, ed. Clarendon Press, Oxford, 1924), lê-se a seguinte passagem (cap. 97): “(...) E quando na Sexta-feira ele foi crucificado, na Sexta hora do dia fez-se treva em toda a terra. E o meu Senhor, em pé no meio da gruta e a iluminá-la, disse: ‘João, lá embaixo, para a multidão em Jerusalém, Eu estou sendo crucificado e varado com lanças e flechas e dão-me fel e vinagre para beber’”. E no capítulo 98: “(...) E tendo falado assim ele me mostrou uma cruz de luz e em volta da cruz uma grande multidão que não tinha uma forma; e nela (na cruz) uma forma e uma similitude”.

26. Mohâmmed significa ‘O Louvado’, participio da segunda forma do verbo *hamada*. O fundador da religião muçulmana, Maomé (a grafia ocidentalizada do nome) nasceu em Meca pelo ano 571 d.C. e morreu, segundo alguns registros, em junho de 632.